

livros

## Trópico

### Fazer amor

Por Jean-Philippe Toussaint

**Leia um trecho do novo livro de Jean-Philippe Toussaint, que está sendo lançado no Brasil pela editora Globo**

Tinha mandado encher um frasco com ácido clorídrico e o carregava sempre comigo, achando que um dia o jogaria na cara de alguém. Bastaria abrir o frasco, que era de vidro escuro e parecia conter água oxigenada, olhar nos olhos e sair correndo. Eu me sentia curiosamente calmo depois de tocar o frasco de líquido amarelado e corrosivo, que apimentava minhas horas e aguçava meus pensamentos. Mas Marie ficava imaginando, com preocupação possivelmente justificada, se não seria nos meus próprios olhos, no meu próprio olhar, que aquele ácido terminaria. Ou então na cara dela, em seu rosto coberto de lágrimas já havia tantas semanas. Não, acho que não, dizia a ela com um sorriso simpático de negação. Não, acho que não, Marie, e, com a mão, sem tirar os olhos dela, eu acariciava bem de leve o volume do frasco no bolso do paletó.

Mesmo antes de nos beijarmos pela primeira vez, Marie já tinha começado a chorar. Tinha sido em um táxi, havia mais de sete anos, ela estava sentada ao meu lado, com o rosto coberto de lágrimas, na penumbra do veículo que atravessava as sombras fugidias das margens do Sena e os reflexos amarelos e brancos dos carros com que cruzávamos. Àquela altura, ainda não nos tínhamos beijado, eu ainda não tinha pegado na mão dela, não lhe tinha feito a mínima declaração de amor -mas será que algum dia eu já lhe fiz alguma declaração de amor?-, e fiquei lá olhando para ela, comovido, desamparado, por vê-la chorar daquele jeito ali ao meu lado.

A mesma cena se reproduziu em Tóquio, há algumas semanas, mas dessa vez nos separaríamos para sempre. Não dizíamos nada naquele táxi que nos conduzia ao grande hotel de Shinjuku, aonde tínhamos chegado naquela manhã mesmo, e Marie chorava em silêncio ao meu lado, fungava e soluçava bem de levinho, apoiada no meu ombro, enxugando as lágrimas com gestos exagerados com as costas das mãos, pesadas lágrimas de tristeza que a enfeavam e faziam com que a maquiagem de seus cílios escorresse, ao passo que sete anos antes, quando nos encontramos pela primeira vez, as lágrimas tinham sido de pura alegria, leves como espuma que escorriam sobre suas bochechas parecendo não sofrer o efeito da gravidade. O táxi estava abafado, e Marie sentia muito calor, passava mal, e acabou por tirar o sobretudo de couro preto, com dificuldade, contorcendo-se ao meu lado sobre o banco traseiro do táxi, fazendo careta e com ar de quem me odiava; e eu, claramente, não estava nem aí, merda, se estava tão quente assim dentro do táxi, ela que reclamasse ao motorista, o nome e a foto de identificação dele estavam sobre o painel. Ela me empurrou para acomodar o casaco entre nós dois, no banco, tirou o suéter, que enrolou como uma bola a seu lado. Tinha ficado só com uma camisa branca desengonçada e amarrotada que se abria sobre seu sutiã preto e saía um pouco da calça. Não dizíamos nada dentro do táxi, e o rádio transmitia, sem parar, na penumbra, canções japonesas enigmáticas e alegres.

O táxi nos deixou na entrada do hotel. Em Paris, sete anos antes, eu tinha proposto a Marie que fôssemos beber alguma coisa em algum lugar que ainda estivesse aberto na Bastille, ou na rue de Lappe, ou na rue de la Roquette, ou na rue Amelot, ou na rue de Pas-de-la-Mule, não lembro mais. Tínhamos caminhado muito tempo naquela noite, vagando de café em café, de rua em rua, para chegar ao Sena e à ilha Saint-Louis. Não tínhamos nos beijado de imediato naquela noite. Não, não tinha sido imediatamente, não

mesmo. Mas quem é que não gosta de prolongar aquele momento delicioso que precede o primeiro beijo, quando dois seres que sentem um pelo outro qualquer inclinação amorosa já decidiram que vão se beijar, os olhos sabem, o sorriso adivinha, os lábios e as mãos pressentem, mas continuam adiando o momento de tocar a boca na outra boca com afeição pela primeira vez?

Em Tóquio, subimos diretamente para o quarto, sem trocar uma única palavra, atravessamos o grande hall de entrada deserto com lustres de cristal iluminados, um trio de lustres deslumbrantes dispostos como que se observando uns aos outros e que balançavam suavemente sob nosso olhar no exato momento em que retornamos ao hotel, os lustres tinham começado a balançar sozinhos, como sinos de catedral, sacudindo-se lentamente enquanto passávamos, com um tilintar de vidro e de cristal que acompanhou o rangido irresistível do desespero da matéria que fez o chão tremer e as paredes vibrarem. Depois que a onda passou, a luz vacilou no teto, mergulhando o hotel por um instante na escuridão; os lustres, ainda em movimento, se reacenderam cada um a seu tempo no hall e voltaram a seu lugar no leve estremecimento combinado de milhares de laminazinhas de vidro transparente que iam reencontrando pouco a pouco a imobilidade. A recepção do hotel estava deserta, o elevador, deserto, subia lentamente pela nave central do átrio, e nós estávamos em silêncio dentro da cabine transparente, lado a lado, Marie em prantos, com o sobretudo de couro preto e o suéter em um braço, observando os lustres que não terminavam de se estabilizar no final daquele abalo sísmico de magnitude tão ínfima que eu me perguntei se ele não tinha se produzido apenas em nosso coração. O corredor do andar estava em silêncio, era interminável, carpete bege, bandeja de serviço de quarto abandonada na frente de uma porta com vestígios esparsos de uma refeição, um guardanapo jogado atravessado em cima de um prato sujo. Marie caminhava na minha frente, as costas curvadas, os braços sem forças, deixando uma mão se arrastar atrás dela pelas paredes do corredor. Eu me juntei a ela junto à porta e introduzi o cartão magnético na fechadura para entrar no quarto. E, mais uma vez, naquelas duas noites, em Paris e em Tóquio, faríamos amor, a primeira vez, pela primeira vez -e a última, pela última.

Mas quantas vezes fizemos amor, juntos, pela última vez? Não sei, várias. Várias... Fechei a porta atrás de mim e vi Marie avançar pelo quarto, titubeante de tanto cansaço, o sobretudo de couro preto e o suéter em um braço, a camisa branca saindo da calça -era esse o detalhe em que eu reparava e que ficou me incomodando até ela tirar a camisa, e aí não haveria mais nada além de seu rosto bem apertado entre as minhas mãos, suas têmporas quentes entre minhas palmas recurvadas-, Marie caindo de sono no quarto e chorando suas lágrimas insaciáveis em câmera lenta, e eu desejando que nós fôssemos, mesmo assim, acabar fazendo amor naquela noite, e que seria dilacerante. Nenhum de nós ainda tinha se dado o trabalho de acender a luz do quarto, nem a do teto nem a de cabeceira e, através da enorme janela de vidro, víamos ao longe o bairro administrativo de Shinjuku iluminado no meio da noite, e, bem pertinho de nós, quase irreconhecível devido à proximidade que deformava suas proporções, a lateral esquerda da monumental prefeitura de Kenzo Tange. Num nível mais baixo, a alguns metros da janela, aparecia a sombra de um telhado plano, em forma de terraço, coberto pelos fachos de luz fortes dos luminosos verticais em neon que piscavam imperturbáveis no meio da noite, como balizas aéreas, com reflexos intermitentes e dilatados, avermelhados, negros e arroxeados, que penetravam no quarto e cobriam as paredes com um halo de claridade vermelha indecisa, fazendo brilhar sobre o rosto de Marie suas lágrimas infravermelhas puras, translúcidas e abstratas. Ela tinha avançado até a janela envidraçada, com olhos que eu podia perceber úmidos na penumbra; a brancura imaculada da camisa que ela tinha deixado entreabrir parecia ser irradiada, em intervalos regulares, por uma cobertura daquela claridade sanguínea indescritível que cobria os espasmos regulares dos luminosos em néon que piscavam à nossa frente, sobre os telhados. Eu me juntei a ela na janela, ficamos observando juntos por um instante o aglomerado denso de arranha-céus e de prédios de escritórios que se apresentava à nossa frente no meio da escuridão, esparsos e majestosos. Cada um deles, do alto de seus andares, parecia cuidar pessoalmente de seu próprio perímetro administrativo de silêncio e de noite, enquanto meu olhar ia lentamente de um ao outro, Shinjuku Sumitomo Building, Shinjuku Mitsui Building, Shinjuku Center Building, Keio Plaza Hotel. Por que você não quer me beijar? Marie então perguntou em voz baixa, o olhar fixo, ao longe,

com um traço de teimosia no rosto. Continuei a olhar para a rua sem responder. Depois de um instante, com a voz neutra, surpreendentemente calma, respondi que nunca tinha dito que não queria beijá-la. Então, por que você não me beija? disse ela, aproximando-se de mim para me pegar pelo ombro. Eu me retesei, retirando a mão dela com o máximo de gentileza possível, e voltei a observar fixamente a paisagem urbana noturna. Respondi com a mesma voz calma, quase atonal, como se estivesse apenas fazendo uma constatação: Eu também nunca disse que queria beijar você. (Já é tarde demais, Marie, agora já é tarde demais.) Ela ficou me observando longamente à frente da janela. Vamos dormir, Marie, eu disse a ela, é tarde, e vi um longo arrepio percorrendo-lhe a coluna, de cansaço e irritação. Tive vontade de completar com alguma coisa, mas não disse nada, me afastei e coloquei a mão no antebraço dela com gentileza, e ela puxou o braço com violência. Você não me ama mais, disse ela.

Sete anos antes, ela tinha me explicado que jamais sentira algo assim por outra pessoa, tanta emoção, uma onda tal de melancolia doce e quente que a invadira ao me ver fazer aquele gesto assim tão simples, tão aparentemente anódino, de aproximar meu copo muito lentamente do dela durante o jantar, com muita prudência, e, ao mesmo tempo, de maneira totalmente inconveniente para duas pessoas que mal se conheciam, que só tinham se encontrado uma vez antes daquela; de colocar meu copo pertinho do dela, para acariciar o bojo do copo dela, incliná-lo para tocá-lo levemente em uma simulação de brinde tão picotado quanto interrompido. Teria sido impossível ser ao mesmo tempo mais sedutor, mais delicado e mais explícito, ela tinha explicado, um concentrado de inteligência, de gentileza e de estilo. Ela sorria para mim, logo em seguida confessara que tinha se apaixonado por mim a partir daquele instante. Portanto não foi por meio de palavras que eu tinha conseguido transmitir a ela aquele sentimento de beleza da vida e de adequação ao mundo que ela sentira com tanta intensidade à minha presença, nem com meus olhares nem com minhas ações, mas sim por meio da elegância daquele gesto tão simples que dirigi lentamente a ela com tal delicadeza metafórica que fez com que ela de repente passasse a concordar com o mundo a ponto de me dizer, algumas horas mais tarde, com a mesma audácia, a mesma espontaneidade ingênua e corajosa, que a vida era bela, meu amor.

*Tradução de Ana Ban*

### **Jean-Philippe Toussaint**

É escritor e fotógrafo. Nasceu em 29 de novembro de 1957, em Bruxelas (Bélgica), onde vive. Publicou sete livros, entre eles, "A Televisão" (Ed. 34).

[www.uol.com.br/tropico](http://www.uol.com.br/tropico)